

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
EICOS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL

Maria Angelica de Melo Rente

I (um): uma transcrição

Trabalho Final da disciplina

Narrativas, Memórias e Escuta Sensível.

Profs. Beatriz Takeiti e Samira Lima Costa

Rio de Janeiro, julho de 2019

I (um): uma transcrição

Maria Angelica de Melo Rente¹

Cada um de nós compõe a própria história, mas não o fazemos sozinhos. Ela é também composta a partir de uma infinidade de outras, entre elas, aquelas narradas por nossos familiares, as que vivemos, as histórias de nossa cultura e as contadas pelas crenças e valores compartilhados. Somos seres implicados numa imensa teia de relações e, portanto, ainda que sejamos agentes de nossas próprias histórias, elas sempre são escritas em coautoria com o mundo e com as pessoas que nos cercam, que nos ouvem, que partilham vida conosco.

Ao longo de nossa existência, buscamos sempre costurar os fatos de nossas vidas com um fio de sentido. É ele que nos permite compreender as experiências que vivemos e estabelecer relações significativas entre elas. Uma busca que satisfaz a algumas das necessidades mais fundamentais dos seres humanos: sentido, significado e conexão. Deste, e dos demais fios a nós fornecidos pelas nossas relações pessoais e culturais, tramamos a nossa própria história e tecemos a teia que nos enraíza cada vez mais profundamente na existência que compartilhamos com os demais seres viventes deste planeta.

Como narrador para a elaboração deste trabalho, convidei meu mestre de Comunicação Não-Violenta, Dominic Barter, a pessoa com quem tenho aprendido e praticado a não-violência da forma que considero mais alinhada com a proposta original desta prática, como aprendizado artesanal, implicado e vivido-no-mundo, e que se tornou, ao longo dos anos em que nos conhecemos, um amigo querido, por quem sinto um profundo amor e a quem sou imensamente grata pela confiança e pela companhia nesta investigação. Inicialmente, eu havia entendido que a proposta do trabalho era conversarmos com alguém que tivesse alguma relação com o tema de nossa pesquisa. Como a minha se relaciona aos trabalhos de escuta que tenho realizado a partir da minha atuação como psicoterapeuta e aprendiz de Comunicação Não-Violenta, que resultou na criação dos Círculos de Cuidado Compartilhado, inspirados e baseados pelos Círculos Restaurativos sistematizados por Dominic, resolvi convidá-lo para falar sobre os Círculos. Posteriormente, em uma nova conversa com as professoras, ficou claro que não era disso que este trabalho se tratava, mas sim de uma escuta muito mais aberta, sem tema pré-definido. Então, embarcamos em uma narrativa que se estendeu por várias horas e dias, na qual Dominic narrou livremente fatos de sua vida selecionados por ele, enquanto eu “apenas” escutava. Escuta sensível, me deixando habitar pelos afetos, pelas

¹ Maria Angelica de Melo Rente é aluna de pós-graduação (mestrado) do Programa EICOS – Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientanda de Emerson Mehry na linha de pesquisa Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde.

lembranças, pelas imagens. Rolnik (2016) afirma que, para que o outro se torne presença viva, companheiro e cúmplice na criação de novos territórios de existir e não meramente objeto de projeção – risco constante no trabalho da escuta - havemos que exercer e sustentar a vulnerabilidade. Esta, segundo a autora, depende da capacidade de apreender a alteridade como força viva que nos atravessa em afetos e sensações, o que permite que o outro seja reconhecido como presença que se entretetece à nossa própria textura, tornando-se indiscernível de nós mesmos, capacidade que Rolnik nomeou como sendo característica de um corpo vibrátil.

Foi um processo que se revelou cada vez mais fascinante para mim, escutar alguém com tanta porosidade e abertura é uma experiência de profunda confiança e intimidade que revelou uma comunalidade. Ainda que nascidos e criados em países diferentes, cada um de nós de um dos lados do oceano, há muito que nos une em nossas narrativas particulares: o fato de fazermos parte da mesma geração; o fio da cultura e a vivência compartilhada de fatos históricos contemporâneos a nós; certas experiências em comum, como o envolvimento com a arte, a prática da dança, o amor pela natureza, o interesse precoce pelas práticas de magia e cura e, muito longe no tempo, a ancestralidade originária dos povos celtas, ele, inglês; eu, neta de portugueses da região de forte influência céltica conhecida como Celtibéria, no norte de Portugal. Foi, ao mesmo tempo, muito bonito e muito desconcertante me dar conta disso ao longo da escuta da narrativa. Afinal, a memória, segundo Pollak (1992), é um fenômeno coletivo e social, constituída não só pelos acontecimentos vividos pessoalmente, mas também por aqueles vivenciados “por tabela”. Assim, a vivência de fatos históricos, as referências musicais e artísticas, os trabalhos realizados junto a dançarinas, bailarinos e artistas de teatro narrados por Dominic foram vivenciados também por mim, ainda que indiretamente, graças aos interesses e práticas correlatos e ao acesso historicamente cada vez mais ágil às informações vindas de outras partes do mundo.

Como registrar uma narrativa tão atravessada por afetos, por imagens e sons, por memórias compartilhadas, sem fixá-la, sem empobrecê-la, sem transformá-la em algo inerte e frio? Ao escutar Dominic, minhas próprias memórias ressurgiam, conexões eram traçadas, emoções, percepções amplificadas pela atenção voltada a pequenos gestos, um brilho no olhar, um sorriso, uma frase: “acabei de perceber que estou evitando contar certas coisas pra você”; tudo isso provocava novas leituras e abria outros campos de significado. Logo me ocorreu que a escrita, somente, não daria conta de transmitir algo que me parecia tão intransmitível. Benjamin (2018, p.20) lamenta a moderna privação de uma experiência que, em seu ponto de vista, parecia intrínseca às relações humanas: a capacidade de compartilharmos experiências. Segundo ele, “*A experiência que se transmite oralmente é a fonte da qual bebem todos os contadores de história*” (idem, p.21). Ele ainda aponta a contação de histórias como um saber artesanal, que conjuga o saber trazido de longe

por aquele que viaja, o “aprendiz itinerante”, com o daquele que permanece em seu lugar, a quem os conhecimentos do passado são preferencialmente confiados. É curioso como é possível traçar também esse paralelo entre a experiência compartilhada na elaboração deste trabalho por Dominic e eu: ele, como o estrangeiro que viaja o mundo, colhendo narrativas; eu, como aquela que permanece, a tecedeira de sentidos que as transforma em histórias. Nas palavras de Bondía, em seu belíssimo texto sobre o saber da experiência,

O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente (2002, p.25).

Era meu desejo manter a narrativa cocriada por nós o mais próxima possível da linguagem oral, com sua riqueza de camadas, de nuances, de imagens, de musicalidade. Mas como transmitir algo que é da ordem do encontro, uma experiência eminentemente dialógica, no conceito buberiano da palavra? Lembremos que, para Martin Buber, a vida se constitui de encontros. Mais do que isso, a relação é o campo fundante a partir do qual nos constituímos pessoas. Nesta lógica relacional, espaço e tempo se transmutam, lá e cá se tornam o mesmo lugar: espaço implicado, ecológico, no qual singularidade e “mesmidade” coexistem (METCALF;GAME,2011) e o que se produz de cada encontro é algo misterioso, inefável, “obra da graça” (BUBER,2001, p.59).

O meio encontrado por mim foi a linguagem artística, na forma de um livro alterado, no qual imagens e fragmentos de frases e palavras foram utilizados para tecer uma narrativa em constante mutação. Além do encontro originário com o narrador, há vários outros contidos nele: o encontro com o livro utilizado como suporte – um dicionário antigo da língua inglesa; com as palavras e definições que ele apresenta; com as imagens que foram sendo escolhidas, algumas deliberada, outras aleatoriamente; com minhas próprias memórias, narrativas e afetos produzidos em mim pela escuta. Ao livro produzido se somou um arquivo de vídeos, músicas, imagens, outras narrativas, alguns deles citados pelo narrador, outros trazidos por mim a partir daquilo que me era evocado ao longo do processo de criação.

A escritora norte-americana Ursula K. le Guin, cujas palavras foram lembradas por Dominic logo no início de sua narrativa, escreveu:

Se é uma característica humana guardar algo estimado por ser útil, comestível ou belo em uma sacola ou cesta, ou enrolado num pedaço de casca de árvore ou numa folha, ou numa rede tecida dos próprios cabelos, ou no que quer que esteja disponível e, então, levá-lo consigo para casa – essa sendo outro tipo de sacola maior, um recipiente para pessoas – e, mais tarde, pegá-lo e come-lo, ou compartilha-lo, ou guardá-lo para o inverno em um recipiente mais seguro, ou colocá-lo junto com os remédios ou no altar ou no museu, no lugar sagrado, na área que contém o que é sagrado, e então, no dia seguinte, provavelmente fazer a mesma coisa novamente – se fazer isso é humano, se é isso que é necessário para se ser humano, então sou um ser humano, afinal de contas. Plena, livre, alegremente, pela primeira vez (LE GUIN, 1989, p.151-152) [tradução livre].²

I (um), o produto desse trabalho de transcrição de narrativa, é o meu recipiente para as histórias que ouvi, pelas quais fui atravessada, afetada, emocionada, que me/nos transformaram. Muito mais do que um registro, é meu desejo que ele se torne um mapa de referência que se abre a outras narrativas possíveis, refeitas, recontadas, acrescidas, editadas. Vibrantes e vivas, renovadas a cada instante, a cada revisitação.

Considero que esse trabalho poderá oferecer subsídios metodológicos muito relevantes para a minha dissertação, já que, segundo meu orientador, estou trabalhando com uma narrativa de experiências. A mim, interessa muito investigar as distinções e semelhanças entre a escuta terapêutica, aquela que pratico cotidianamente em minha atuação profissional como psicoterapeuta, a escuta empática, que fundamenta a prática da Comunicação Não-Violenta, por sua vez, uma das principais fundamentações do meu trabalho com os Círculos de mulheres e a escuta sensível, proposta pela disciplina. Assim, foi uma experimentação muito valiosa a busca por sustentar esse corpo vibrátil, que é afetado e transformado pela escuta, ao mesmo tempo em que afeta e transforma o campo de relação em que está inserido e pelo qual se constitui como singularidade que cocria, a partir da mutualidade, novas formas de existência.

² If it is a human thing to do to put something you want, because it's useful, edible, or beautiful, into a bag, or a basket, or a bit of rolled bark or leaf, or a net woven of your own hair, or what have you, and then take it home with you, home being another, larger kind of pouch or bag, a container for people, and then later on you take it out and eat it or share it or store it up for winter in a solidier container or put it in the medicine bundle or the shrine or the museum, the holy place, the area that contains what is sacred, and then next day you probably do much the same again – if to do that is human, if thats what it takes , then I am a human being after all. Fully, freely, gladly, for the first time.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O Contador de Histórias. In: LAVELLE, Patrícia (org). **A Arte de Contar Histórias**. São Paulo: Hedra, 2018.

BONDÍA, Jorge Larossa. Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.19. jan/fev/mar/abr 2002. p.20-28.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GUIN, Ursula K. The Carrier Bag Theory of Fiction. In: **Dancing at the Edge of the World**. New York: Grove Press, 1989. p. 149-154.

METCALF, Andrew, GAME, Ann. “In the Beginning is Relation”: Martin Buber’s Alternative to Binary Oppositions. **Sophia**. Sidney, n.51, 2012, p.351-363.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10. 1992, p.200-212.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2016,